
Cerâmicas romanas do lado ocidental do castelo de Alcácer do Sal, 3: paredes finas, pasta depurada, engobe vermelho pompeiano e lucernas

EURICO DE SEPÚLVEDA
ÉLVIO MELIM DE SOUSA
JOÃO CARLOS FARIA
MARISOL FERREIRA

R E S U M O Na continuação dos dois artigos já realizados, os autores apresentam um estudo sobre as cerâmicas avulsas do lado ocidental do Castelo de Alcácer do Sal. Este conjunto é composto por alguns vasos de cerâmica de paredes finas, por três fragmentos de discos de lucernas, assim como por cerâmicas comuns classificadas como finas, atendendo à pasta em que foram fabricadas e, ainda, por fragmentos de pratos/frigideiras que apresentam engobe do tipo vermelho pompeiano.

A B S T R A C T This paper will be the continuation, of two previous ones, concerned with the collection recovered in the western side of the castle of Alcácer do Sal. Fragments of thinned wall ceramics, lamps, fine/coarse wares and saucers/pans with Pompeian red slip are studied.

Introdução

Na sequência do Projecto do Museu Municipal de Alcácer do Sal tendente ao estudo e publicação das cerâmicas romanas exumadas no lado ocidental do castelo de Alcácer (LOCAS), em 1996, vêm os autores publicando, há já algum tempo, e faseadamente, esses materiais.

Com efeito, num primeiro artigo, foi analisada toda a terra sigillata, ao que se seguiu a publicação da colecção de cerâmicas de verniz negro e cinzentas, encontrando-se previsto, a curto

prazo, o estudo dos *pondera*, dos almofarizes e dos contentores cerâmicos. Como remate, será elaborado um texto final, e conclusivo, de toda a pesquisa efectuada (síntese geral).

Estamos certos que estes artigos, embora parcelares, constituirão uma achega mais para a compreensão de Alcácer do Sal durante a época romana, numa tentativa de, através deles, se apertarem ou afinarem cronologias, ocupações, contactos, rotas comerciais e modas, os quais estão sempre na base de qualquer estudo arqueo-ceramológico.

Salacia, pela sua importância urbana, comercial e geográfico-estratégica (bem implantada em elevação sobranceira ao rio Sado e localizada junto da via *Olisipo-Augusta Emerita*, com ramal para *Ebora/Pax Iulia*), constituiu um significativo centro populacional na antiguidade, pelo que o conhecimento contínuo e aprofundado dessa realidade se impõe.

O cosmopolitismo económico da Alcácer romana acabava, como se infere, por reflectir-se também a níveis diferentes, como foram o demográfico, o social e o mental, o que perdurará por basto tempo, apenas sofrendo um revés com a ascensão gradual e contínua de *Olisipo*.

Os materiais cerâmicos avulsos que ora se apresentam — cerâmica de paredes finas, cerâmica comum de pasta depurada, cerâmica de engobe vermelho pompeiano e lucernas — são propriedade municipal e encontram-se conservados nas reservas do Museu Municipal Pedro Nunes, após terem sido convenientemente tratados, restaurados e inventariados.

Análise do conjunto de cerâmicas

1. Cerâmica de paredes finas

As peças consideradas como paredes finas são, no total, de seis, sendo cinco fragmentos de bordo e um de parede, pertencendo a copos das formas Mayet II (dois), Mayet III (um), Mayet VIIIC (um), Mayet XXIV (um) e a uma pequena urna da forma Mayet XXI =Marabini XXXI.

No respeitante aos exemplares classificados como Mayet II, tivemos dificuldade em lhes atribuir esta tipologia, na medida em que não possuíamos o seu perfil completo. Optámos por esta forma somente depois de os compararmos com os exemplares apresentados por López Mullor (1990, tav. 53.1 e tav. 56.1) encontradas em Ampúrias.

Ao copo da forma Mayet IIIB, atribuímos-lhe uma cronologia para todo o século I a.C. Aparece em grandes quantidades nos espólios do Levante espanhol a partir da 2.^a metade desse século, perdurando até à primeira época augusta (López Mullor, 1990, p. 208-212).

O copo com perfil de tulipa Mayet VIII apresenta variantes no que concerne à curvatura do bordo. Escolhemos, por isso, a variante Mayet VIIIC, dado este fragmento de bordo não ter lábio. A cronologia pode ser pré-augustana ou mesmo augustana (Ricci 1985, p. 278 e 279), conforme a cor da pasta. Embora seja uma forma algo comum, curiosamente, não existe em Cosa.

O fragmento com o n.º 122/96, foi classificado como pertencente, provavelmente, a um copo da forma Mayet XXIV, se atendermos ao andamento da parede da pança.

Este copo parece ter tido duas origens: uma, na zona da Ligúria; outra, na região insular espanhola. Quanto às características da pasta deste exemplar, parece-nos ser originário das Baleares. Embora com uma difusão vasta na Península Ibérica e noutras regiões do Império, não conhecemos nenhum exemplar divulgado para o território português, com excepção de uma breve referência de López Mullor (1990, p. 300) a propósito de um exemplar de Beja, que pensamos tratar-se, neste caso, da cidade de Beja sita no actual território tunisino.

Por fim, para a pequena urna da forma Mayet XXI=Marabini XXXI, fomos encontrar paralelos em Luni. Dos quatro fragmentos descritos por Manasse (1973, p. 352), optámos, primeiro, por dois — CM 2737 e CM 2240 — que apresentavam pastas semelhantes à do exemplar de Alcácer do Sal. No entanto, a nossa escolha recaiu no exemplar com o n.º CM 2240, visto este ser “... *decorata ... a fasce di minutissime striatura a rotella, vernice grigio scura stesa meno uniformemente all'interno*”.

Sendo uma forma considerada bastante rara dentro da produção de cerâmica de paredes finas, discute-se a localização do(s) centro(s) de produção, não se tendo chegado a qualquer consenso entre os especialistas que se dedicaram ao seu estudo. Para Mayet, este estará situado na ilha de Ibiza, enquanto que para López Mullor, se situará algures na Catalunha; já para Marabini (1973, p. 100, 101) e relativamente ao exemplar de Cosa por ela estudado, esta urna terá uma origem em La Tène (cultura de Golasecca), embora não exclua a hipótese da existência de produções em “*terra nigra*”.

A forma Mayet XXI tem uma difusão relativamente restrita, limitando-se à Catalunha, Ibiza, Península Itálica (Cosa, Luni, Óstia). Não se tendo encontrado qualquer exemplar em Conímbriga¹, a peça pertença desta colecção é, portanto, a primeira a ser publicada para o actual território português, na Lusitânia.

No respeitante à sua diacronia, esta varia entre o intervalo que vai do período augustano ao flaviano.

2. Cerâmica comum de pasta depurada

O conjunto referente às cerâmicas comuns de pasta fina é, de longe, o mais numeroso, mas também o mais complicado. Para o seu estudo, recorreremos a trabalhos sobre cerâmica comum que poder-nos-iam ajudar a classificar estes fragmentos.

Consultámos, portanto, a tese de Jorge Alarcão, escrita na década de setenta (Conímbriga), as análises de Nolen para as necrópoles romanas do Alto Alentejo, escritas nos anos oitenta, de Pavolini, acerca de Óstia, já de 2000 e, por fim, a tese de doutoramento de Inês Vaz Pinto sobre as cerâmicas de São Cucufate. Mesmo assim, encontrámos bastantes dificuldades, motivadas pela heterogeneidade das origens das peças que são oriundas de vários pontos do Império.

Encontrámos, nesta colecção, cerâmicas de pasta cinzenta clara de origem itálica, com cronologias augustanas; cerâmicas da Gália de engobe branco, com diacronias do século I d.C. e, possivelmente, cerâmicas de produção local, talvez de tradição da Idade do Ferro.

3. Cerâmica de engobe vermelho pompeiano

Identificámos como cerâmicas de engobe interno vermelho pompeiano três fragmentos de pratos que, pelas características das pastas, achámos estar em presença de produtos importados da Península Itálica, mais precisamente da região da Campânia.

Como este tipo cerâmico conheceu, ultimamente, estudos bem aprofundados, optámos por tomar uma posição idêntica à de Ana Arruda e Catarina Viegas (2002), quando estas autoras, ao referirem-se ao último trabalho, completíssimo, de Aguarod Otal (1991) para a província da Tarraconense e respeitante ao engobe vermelho pompeiano, afirmam que “... *já foi feita uma síntese sobre a «história» desta cerâmica ...*”, motivo que as levou a escusarem-se de repetir “... *aspectos devidamente esclarecidos*”.

Deste modo, optámos por fazer um simples sumário das características que achámos relevantes desta pequena colecção:

1. Apenas duas formas estão presentes. Os pratos da forma Aguarod 4 = Luni 2/4 e da forma Aguarod 6 = Luni 5;
2. Todos os fragmentos foram considerados como originários da Campânia, visto as suas pastas possuírem características morfológicas que, quando examinadas à lupa monocular, se tornam equivalentes aos componentes descritos para o tipo de pastas Peacock n.º 1 (Tomber e Dore, 2002, p. 43);
3. Existe uma peça que apresenta marcas de utilização ao fogo, enquanto que as outras duas terão sido, provavelmente, utilizadas à mesa ou na preparação de alimentos na cozinha, motivo porque as não apresentam;
4. Embora limitados por uma amostra tão reduzida, é de realçar que a presença da forma Luni 2/4 duplica a Luni 5. Pensámos ser interessante — e apenas com carácter informativo — elaborar um quadro no qual pudéssemos apresentar para quatro sítios de ocupação romana — dois na Península Itálica e dois na Lusitânia — a distribuição das formas definidas por Manassa (1973).

Verificou-se ser Conímbriga, embora de maneira muito pouco acentuada, o único arqueossítio deste universo em que se verifica ser a forma Luni 2/4 superior à 5.

Quadro 1. Número de fragmentos/ formas				
Formas Luni	LUNI ^a	Arqueossítio		
		CONÍMBRIGA ^b	SETTEFINESTRE	SANTARÉM ^c
LUNI 1	2		1	4
LUNI 2/4	3	4	9	6
LUNI 3	8		3	—
LUNI 5	5	3	241	12

a - 1973; fragmentos com lábio que definem a forma; b - de um total de 71 fragmentos; c - NMI

Por fim, achamos, quiçá, de uma forma limitada, termos respondido, numa primeira fase, ao repto lançado por Ana Arruda e Catarina Viegas sobre o estudo deste tipo de cerâmicas para Alcácer do Sal.

Sabendo ser ainda prematuro elaborar um mapa das importações das cerâmicas de engobe vermelho pompeiano, podemos, desde já, acrescentar aos sítios já conhecidos de Braga, Coimbra, Conímbriga, Santarém e S. Cucufate², os de Alcácer do Sal, Lisboa-Sé³, Lisboa-Praça da Figueira⁴ e Tróia (Setúbal).

4. Lucernas

O grupo das lucernas, é constituído por três *discus* decorados e por um reservatório com fundo. Todos estes fragmentos foram considerados de importação e localizados, temporalmente, durante o século I d.C., consideradas que foram as características da pasta, do engobe e da decoração.

O disco com o n.º de inventário 126/96 é decorado com a representação da deusa latina Vénus, correspondente à Afrodite grega, tomando ou preparando o banho. O oleiro coloca-a na

posição de cócoras de perfil, voltada para a esquerda, com a perna esquerda dobrada ocultando a direita. Na sua mão direita segura o que nos parece ser um *uter*⁵ e, entre o antebraço esquerdo e o direito, um espelho circular ou uma concha. Embora a evocação do banho de Vénus seja um dos temas mitológicos bem representado nas lucernas romanas com diacronias de meados do século I d.C., inícios do II (Bailey, 1980, Q 1058; Deneauve, 1974, p. 582; Almeida, 1952, p.159, n.º 70, entre outros), todavia, todas estas representações, mostram-nos Vénus de perfil, mas com a cabeça virada para o observador e sem o *askos*. A lucerna de Alcácer, pelas particularidades apontadas, obrigou-nos a uma investigação profunda sobre o culto da deusa do Amor, a qual nos levou às seguintes conclusões:

1. Apenas numa única lucerna encontramos uma representação idêntica, a qual foi identificada em Vindonissa (Schmidt, 1997, p. 215 e Vénus 249);
2. Para o objecto que definimos como o espelho circular ou a concha, servimo-nos dos atributos geralmente associados a esta deusa e relacionados com a sua fase marinha, com sejam o golfinho, o “pompilos”, o cisne e a concha, entre outros. Enquanto que para o espelho, tivemos em consideração os atributos de “Afrodite de ouro”, ou seja, os utensílios associados à toilette feminina, entre os quais se insere o referido espelho, o que acontece com frequência na representação estatuária, na qual a deusa o segura com a mão esquerda;
3. contrariamente à hipótese⁶ da mulher nua representada no disco desta lucerna poder ser o retratar do início de uma cena erótica em que a mulher se está preparando, julgamos não poder aceitar esta versão, na medida em que a nudez total de Afrodite, na acção do banho, é demasiado conhecida, quer na representação cnidiana, quer na da Vénus acoorada.

Por sua vez, o disco com n.º 127/96 que deverá pertencer a uma lucerna do tipo DL 9 ou 11, com diacronias do século I d.C., apresenta-nos a figura de um gladiador, que, pela exiguidade do fragmento, não nos permitiu a sua identificação correcta, visto termos, apenas, a parte final do tronco com o *balteus* (cinturão), a calça curta (*subligaculum*) e parte das duas pernas, as quais se encontram protegidas por caneleiras de tipo metálico, *ocreae*⁷. A falta do elmo e do escudo que, se fosse grande (*scutum*), pertenceria a um *murmillo* ou a um samnita, ou, então, se fosse pequeno (*parma*), serviria para defesa do trácio ou do *hoplomachus*⁸, foi mais um obstáculo à sua identificação. No entanto, se nos basearmos nas várias descrições referentes à protecção das pernas, arriscaremos que esta figuração é referente a um trácio, visto este gladiador ser sempre representado por duas caneleiras metálicas.

Não sabemos, também, se a cena inscrita neste disco é simples, ou seja, apenas de um único gladiador ou compósita. Representações de duelos ou de finais dos mesmos são muito vulgares (Belchior, 1969, Est. II, 2 e 3; Caetano, 2001, p. 137 e Est. 17, 85). Nestas últimas (compósitas), os gladiadores encontram-se separados pelo orifício de alimentação, caso que poderia ter sido a deste exemplar de Alcácer do Sal.

5. Cerâmica diversa

Este grupo a que chamámos “cerâmicas diversas” é constituído por: um bico, que, devido ao estrangulamento interno que se observa, nos levou a considerá-lo como pertencente a um biberão, em detrimento de qualquer outro tipo de contentor para servir líquidos à mesa; um gar-

galo de unguentário — considerado como cerâmica de toucador; e uma possível pega de frigideira ou sertã.

No que concerne ao bico do biberão, existem vários arqueossítios em que abundam peças idênticas à de Alcácer do Sal. Jorge Alarcão, para Conímbriga (1976, p. 72, 73), ilustra, apenas, com um único exemplar, exumado em estratos de época trajana, os vários fragmentos provenientes das escavações e considerados como de importação. Embora não publicados, conhecemos uma série destes bicos encontrados na estação romana de Tróia de Setúbal, com características que nos permitem atribuir-lhes uma produção da Gália, pois possuem pastas de cores claras, que denunciam uma diacronia do Alto Império (Tuffreau-Libre, 1992, p. 32).

O fragmento de gargalo com bordo do unguentário cerâmico exumado no lado ocidental do castelo de Alcácer de Sal consiste numa peça que se poderá considerar possivelmente idêntico a gargalos de unguentários inteiros que têm aparecido em *Balsa* (Nolen, 1994), em Conímbriga (Alarcão, 1976) e em Tróia.

Todavia, devido à não existência do respectivo corpo, não temos possibilidade de definir a sua morfologia, motivo que nos levou a aceitar diacronias baseadas em estações do Sul de Portugal, como seja o caso já apontado de *Balsa*, cuja autora lhes atribui um período de vivência que vai desde o século I a.C. a finais do I d.C.

Por fim, o fragmento que identificámos como cabo/pega de sertã, foi um dos elementos da colecção que mais nos intrigou. Com o auxílio de amigos especializados em cerâmica⁹, entendida esta como termo aglutinador, enveredámos por lhe chamar assim, embora não tivéssemos encontrado paralelos perfeitos para ela.

Achamos, contudo, poder apontar um exemplar de Óstia — “*patellae per offerte*” (Pavollini, 2000, p. 251-253, fig. 62) — que nos parece possuir uma pega idêntica; mais um exemplo adiantaremos, embora se concorde ser apenas elucidativo em relação à nossa tomada de posição, ou seja, de termos classificado correctamente o fragmento. Assim, ele será, pois, a representação de um *poëlon* (frigideira), peça que fazia parte dos serviços de cerâmica comum da Gália e apresentado por Marie Tuffreau-Libre (1992, p. 33) para este tipo de produção.

Conclusões

Muitas das cerâmicas exumadas em Alcácer do Sal e até agora estudadas (terra sigillata e cerâmica de verniz negro), denunciam uma ocupação augustana da cidade, facto que os materiais apresentados neste artigo, como sejam as cerâmicas de paredes finas, alguns dos fragmentos de cerâmica comum fina e de engobe vermelho pompeiano, vêm, de novo, corroborar.

Esta ocupação manter-se-á em alta e com elevados índices de urbanidade até, pelo menos, aos finais do principado de Tibério, embora se possa afirmar a continuação da existência de fortes relações comerciais com a metrópole imperial, durante toda a época dos Júlios-Cláudios e para além dela, ou seja, durante os principados de Vespasiano, Tito e Domiciano. Afirmção que nos é permitida fazer a partir dos presentes materiais.

A diversidade dos centros abastecedores de *Imperatoria Salacia* está bem patente nesta pequena colecção. Produtos cerâmicos provenientes da Península Itálica, da Gália e da própria Hispânia (província da Tarraconense) aportavam a esta cidade, seguindo uma rota marítima, que, por fim, e aproveitando a navegabilidade do Sado (*Callipus*), eram aí transaccionados.

Para Alcácer do Sal, depois “... da primeira década do século I, assiste-se a uma gradual substituição de Salacia por Caetobriga e pelo seu arrabalde industrial, Tróia, que provocou o completo declínio da Alcá-

cer romana em finais do séc. I, assim como o abandono dos fornos que lhe estão mais próximos, não chegando estes a atingir a segunda fase de produção” (Faria, 2002, p. 68), tese que podemos também defender na medida em que não possuímos, na colecção, materiais que ultrapassem, de maneira clara, os inícios do século II d.C.

Catálogo

1 - N.º de Inv. LOCAS 119/96

Fragmento com o perfil completo do bordo e parte superior da parede de copo em cerâmica de paredes finas. Bordo côncavo sem lábio, parede a tender para ovóide. Diâmetro do bordo de 92 mm. Altura do fragmento de 34 mm, espessura média de 2,5 mm. Pasta fina, bem depurada, com pequenos grãos de calcite. Dura, pouco porosa, bicolor (em sandwich) com o núcleo de cor cinzenta 5YR 4.5/1 e castanha alaranjada 10YR 6/4 à superfície. Não possui qualquer tipo de engobe. Copo tipo Mayet II, com cronologia que se estende desde o 1º quartel do século II a. C. até meados da centúria seguinte.

2 - N.º de Inv. LOCAS 120/96

Fragmento com o perfil completo do bordo e parte superior da parede de copo em cerâmica de paredes finas. Bordo côncavo sem lábio, parede a tender para ovóide. Diâmetro da boca de 82 mm. Altura do fragmento de 33 mm, espessura média de 2,5 mm. Pasta fina, bem depurada, com raros grãos de calcite de calibre muito pequeno. Dura, pouco porosa, bicolor (em sandwich), com o núcleo de cor cinzenta escura 7.5YR 4/1 e castanha à superfície, 7.5YR 6/4. Não possui qualquer tipo de engobe. Copo tipo Mayet II, com cronologia idêntica ao n.º 1.

3 - N.º de Inv. LOCAS 121/96

Fragmento com o perfil completo do bordo e parte superior da parede de copo em cerâmica de paredes finas. Bordo côncavo sem lábio, parede a tender para ovóide. Altura do fragmento de 45 mm, espessura média de 2,5 mm. Pasta homogénea, fina, com grãos de tamanho pequeno de quartzo hialino, calcários e raras hematites. Dura, não porosa, de cor 7.5YR 7/2. Não possui qualquer tipo de engobe. Copo tipo Mayet IIIB, com a cronologia geral da forma III.

4 - N.º de Inv. LOCAS 118/96

Fragmento com o perfil completo do bordo e parte superior da parede de copo em cerâmica de paredes finas. Bordo alto, esvasado e oblíquo, sem lábio. Diâmetro do bordo de 90 mm, altura do fragmento de 28 mm, espessura média de 2,5 mm. Pasta homogénea, com grãos muito pequenos de calcite. Dura, moderadamente porosa, bicolor (sandwich), com o núcleo cinzento de cor 10YR 6/1 e à superfície castanho alaranjado 10YR 6/4. Não possui qualquer tipo de engobe. Copo tipo Mayet VIIC = Ricci 1/193, com diacronia augustana.

5 - N.º de Inv. LOCAS 122/96

Fragmento de pança de copo em cerâmica de paredes finas. Altura do fragmento de 34 mm, espessura de 2 mm. Pasta muito fina, homogénea, com partículas mínimas de calcite, dura, porosa, de cor 2.5YR 5/8. Devido à exiguidade do fragmento, apenas se torna possível inseri-lo na forma Mayet XXIV, com cronologia situada entre Augusto e Tibério.

Observações: é visível, pelo exterior, a marca de empilhamento aquando da cozedura.

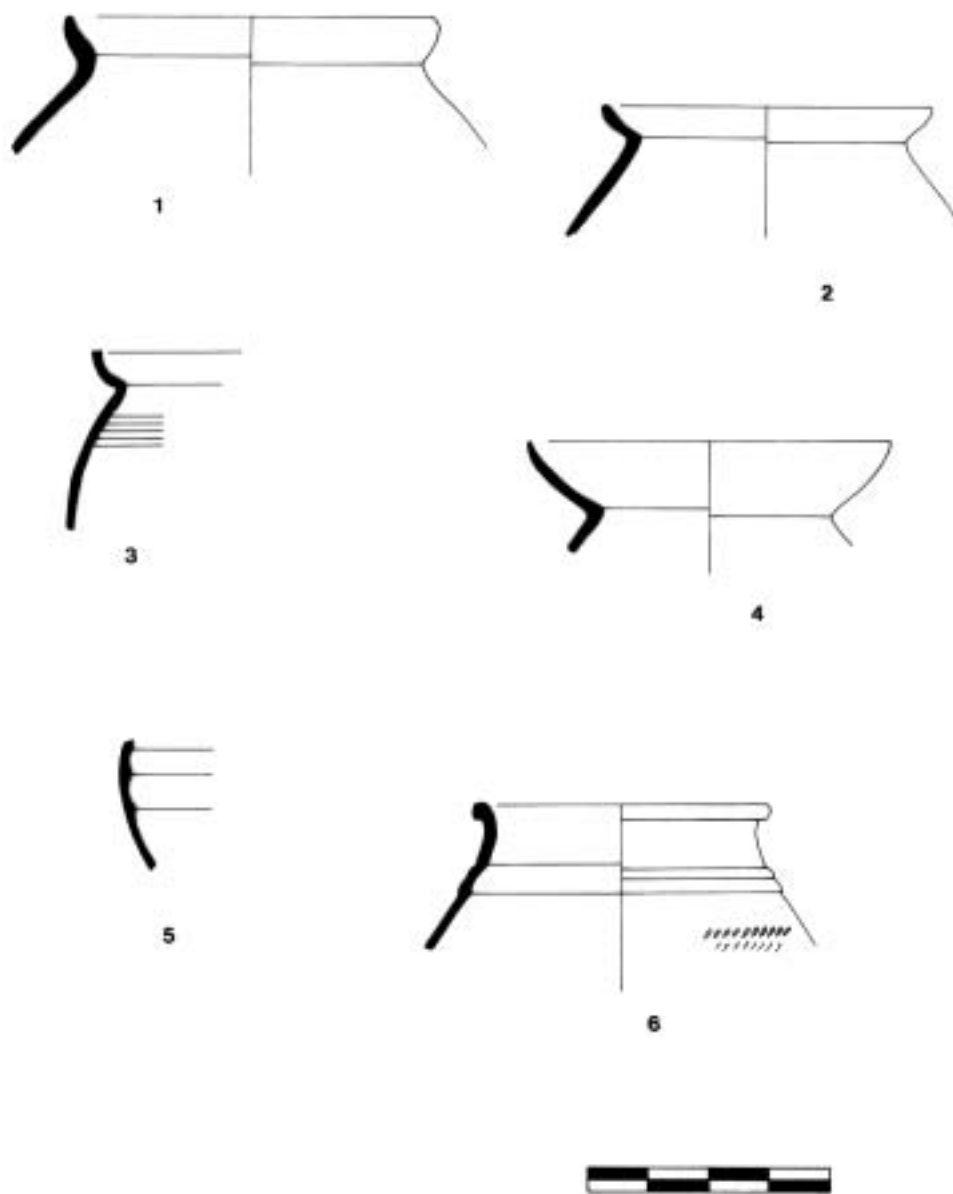


Fig. 1 Cerâmica de paredes finas: 1 e 2 – Mayet II; 3 – Mayet IIIB; 4 – Mayet VIIC; 5 – Mayet XXIV; 6 – Mayet XXI.

6 - N.º de Inv. LOCAS 132/96

Fragmento de perfil completo, desde o bordo até à pança, de pequena urna em cerâmica de paredes finas. A peça possui perfil possivelmente hemisférico; bordo côncavo com lábio extrovertido, separado do corpo por duas caneluras. Diâmetro da boca de 73 mm, altura do fragmento de 36 mm, espessura média de 2 a 3 mm. Pasta homogénea, de textura rugosa, com pequenas partículas de calcite, muito dura, não porosa, de cor 2.5YR 4/1. Recebeu, pelo exterior, uma fina película de verniz, de cor 5YR 2.5/1, que lhe confere um brilho metalizado. Na parede exterior, junto ao ombro, apresenta decoração constituída por, pelo menos, duas bandas de guilhochis. Tipologicamente, poder-se-á inserir na forma Marabini XXXI = Mayet XXI, ambas com cronologias que se localizam em época augusta.

7 - N.º de Inv. LOCAS 111/96

Fragmento com o perfil completo da parte superior do bordo até ao arranque inferior da asa, de pote possivelmente biansado em cerâmica comum fina de pasta clara. Bordo alto com lábio aplanado, ressaltando para o interior. Diâmetro máximo de 185 mm, altura do fragmento de 91 mm, espessura média de 4 mm. Pasta bastante fina, com raro e.n.p. (quartzo e hematites), moderadamente porosa, de cor 2.5YR 7/3, bege claro. Parece-nos ter recebido, pelo exterior, uma aguada de cor amarelo-esbranquiçada 2.5YR 7/4. Cerâmica importada com cronologia da 2.ª metade do século I d.C. (Alarcão, 1976, p. 74, 76).

Observações: pelo interior, apresenta marcas de torno.

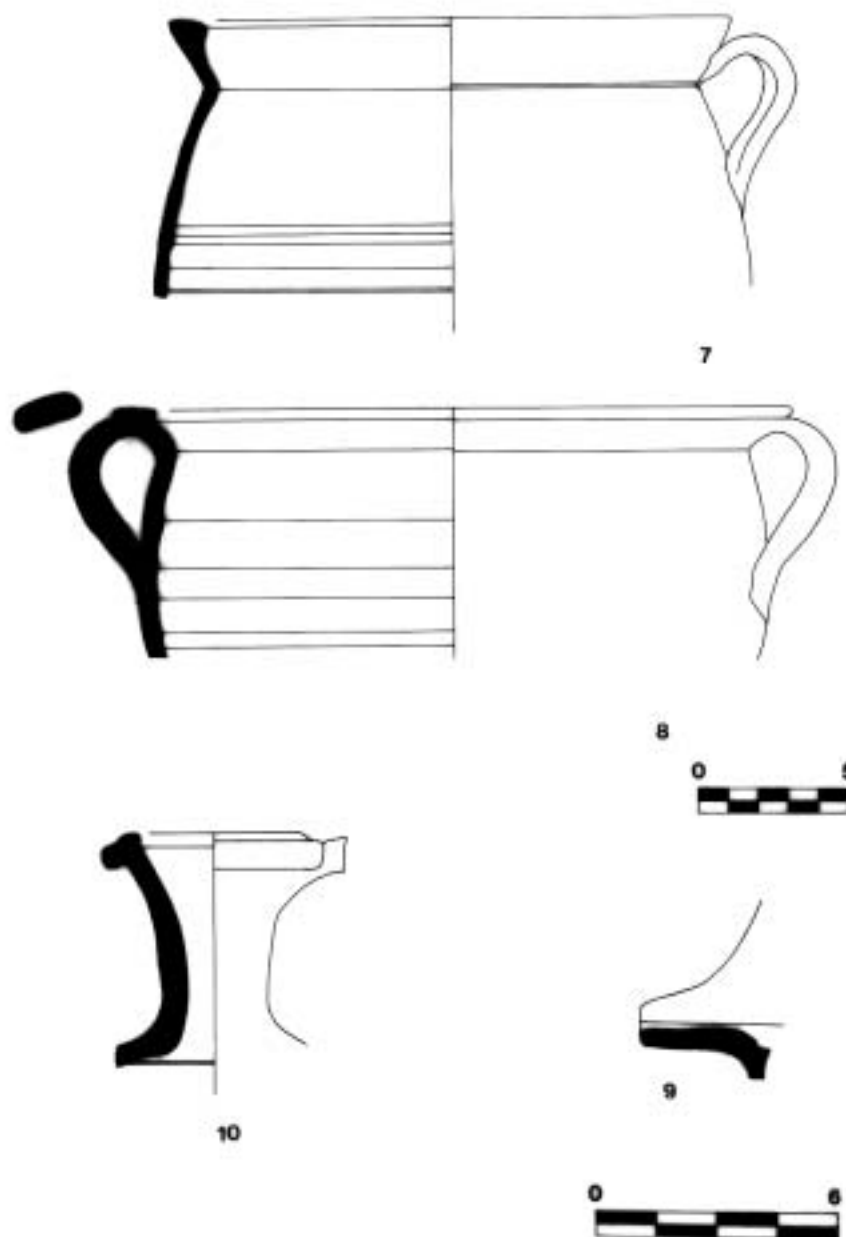


Fig. 2 7, 8 e 10 – Cerâmica comum fina; 9 – Biberão.

8 - N.º de Inv. LOCAS 112/96

Fragmento com o perfil completo da parte superior do bordo até ao arranque inferior da asa, de pote possivelmente biansado (asa de fita) em cerâmica comum fina de engobe branco. Bordo relativamente alto, esvasado, com lábio aplanado, de perfil triangular, ressaltando para o interior. Diâmetro máximo de 222 mm, altura do fragmento de 85 mm, espessura média de 5 mm. Pasta pouco homogénea, com abundantes e.n.p. (quartzo e micas), pouco porosa, de cor acinzentada 5Y 4/1, devido ao tipo da cozedura. Equivalente ao grupo 7 das cerâmicas com “engobe blanc” de Conímbriga (Alarcão, 1976, p. 60-63). O engobe, espesso, encontra-se bastante deteriorado devido às condições de jazida. Cerâmica importada possivelmente da Gália, com cronologia que aponta para os meados/finais do século I d.C. Observações: apresenta, pelo interior, o escorrimento de um pingo de engobe, de cor 2.5Y 8/2 e, também, marcas de torno.

9 - N.º de Inv. LOCAS 113/96

Fragmento de biberão, com o bico completo, em cerâmica comum fina. Perfil troncocónico. Diâmetro da abertura do bico de 4 mm, espessura média de 3 mm. Pasta muito fina, homogénea, com e.n.p. raros (de cor negra e ferrosos), muito dura e muito porosa de cor 2.5Y 7/3. Este tipo cerâmico é importado, provavelmente, da Península Itálica e tem uma diacronia vasta, embora se concentre em torno dos finais do século I d. C.

10 - N.º de Inv. LOCAS 114/96

Fragmento completo de bordo e gargalo, com arranque do bojo e de asa de bilha monoansada em cerâmica comum fina. Bordo limitado por um ressalto e com diâmetro máximo de 53 mm; a altura total do fragmento é de 56 mm; pasta compacta, homogénea, com e.n.p. de pequenas dimensões (calcites, elementos ferrosos e micas muito raras), dura e ligeiramente porosa, de cor 10YR 6/4. Embora tenhamos apenas este pequeno fragmento, podemos, contudo, atribuir-lhe uma cronologia da 2.ª metade do século I d.C., inícios do II. Tipo Óstia, Bilha, n.º 23 (Pavolini, 2000). Produto de importação com origem itálica.

11 - N.º de Inv. LOCAS 115/96

Fragmento de bordo e arranque de parede de taça em cerâmica comum fina. Bordo com um pequeno chanfro (para o exterior) no topo. O diâmetro máximo do bordo é de 189 mm; a altura total do fragmento é de 30 mm. Pasta de textura xistosa, pouco depurada, com e.n.p. (grãos de quartzo e partículas de elementos ferrosos), sem micas, dura e porosa. De cor cinzenta-acastanhada 7.5YR 7/1. Não possui engobe.

Paralelos: Elvas, n.º 341 (Nolen, 1985), Conímbriga, n.º 190 (Alarcão, 1976), ambas com cronologias augustanas.¹⁰

12 - N.º de Inv. LOCAS 116/96

Fragmento de bordo e gargalo, com arranque de asa de pichel, em cerâmica comum fina. Bordo plano de perfil triangular revirado para o interior. Diâmetro máximo da boca de 106 mm, altura do fragmento de 68 mm, espessura média 5 mm. Pasta fina, bem depurada, com raros e.n.p. (feldspatos, e elementos ferrosos), abundantes micas (moscovite) de pequeníssimas dimensões, de fractura irregular, muito dura e pouco porosa, de cor 10YR 6/3. Embora, não tivéssemos conseguido encontrar qualquer paralelo para esta peça, pensamos poder adiantar uma cronologia de meados do século I d.C.

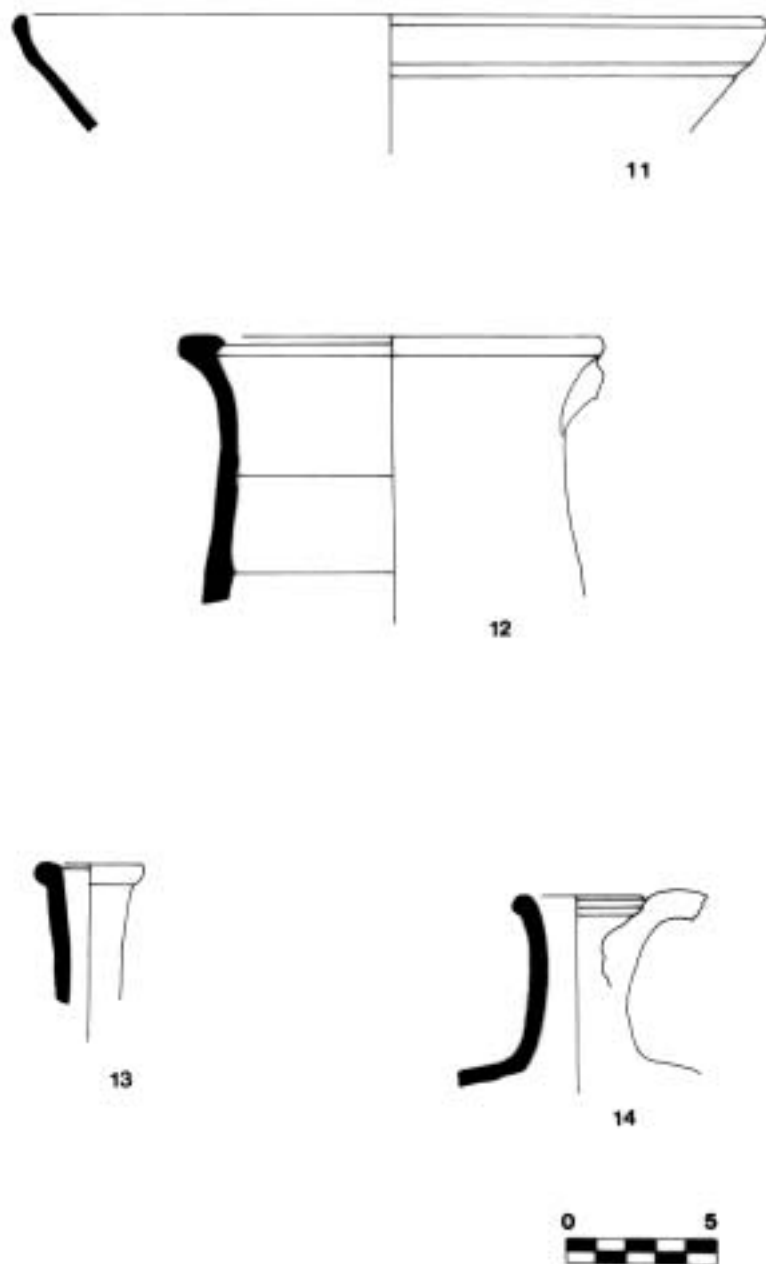


Fig. 3 11, 12 e 14 – Cerâmica comum fina; 13 – Unguentário.

13 - N.º de Inv. LOCAS 123/96

Fragmento com perfil completo de gargalo de unguentário em cerâmica comum/fina. Bordo arredondado, com um diâmetro de 26 mm; a altura total do fragmento é de 35 mm. A pasta apresenta-se compacta, homogénea, sem elementos não plásticos, muito dura, não porosa, de cor 7.5YR 7/4. São visíveis vestígios de engobe avermelhado de cor 2.5YR 5/6. Devido à peça corresponder apenas ao gargalo, não poderemos precisar a sua tipologia, facto que nos levou a enquadrá-lo, genericamente, nas produções do século I d.C., atendendo ao conjunto em que se encontra englobado (Camilli, 1999, p. 29).

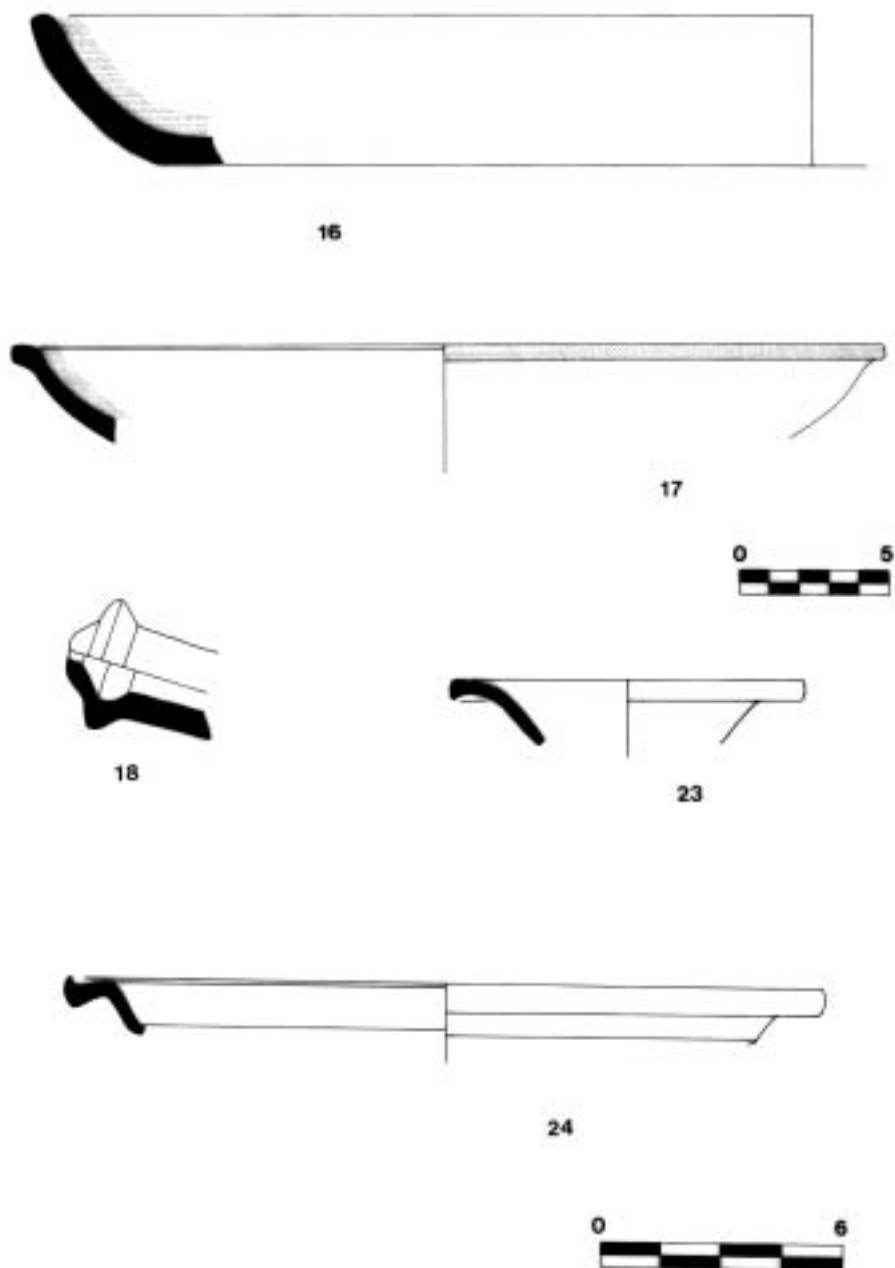


Fig. 4 16 e 17 – Cerâmica de engobe vermelho pompeiano; 18 – Pega de sertã; 23 e 24 – Cerâmica comum.

14 - N.º de Inv. LOCAS 124/96

Fragmento completo de bordo e gargalo com arranque do bojo e de asa de bilha mono-ansada, em cerâmica comum fina. Bordo ligeiramente abaulado, com diâmetro máximo de 32 mm; altura total do fragmento de 50 mm; pasta de textura granulosa com micas abundantes, dura e pouco porosa, bicolor, tipo sandwich, com o núcleo de cor 10YR 4/1 e, pelo exterior de cor 7.5YR 6/4. Aguada de cor 7.5YR 6/4. Pertencerá ao tipo Óstia, Bilha n.º 8 (Pavolini, 2000), com diacronia dos finais da época augustana/século I d.C. Importação itálica.

15 - N.º de Inv. LOCAS 109/96

Fragmento do fundo e arranque da parede de prato de cerâmica com engobe interno, do tipo vermelho pompeiano. Base plana com ligeiro ressalto junto à junção com a parede. Espessura máxima de 8 mm. Pasta compacta, muito dura, não porosa com muitos elementos não plásticos: grãos de calibre pequeno de origem vulcânica (máficos) de cor negra (piroxenos), hematites, quartzo hialino (raro), e cristais de cor verde clara (olivina). Apresenta uma coloração 7.5YR 5/4. Engobe, pelo interior, compacto, lustroso de cor 10R 4/8. O fundo deste prato está decorado por um conjunto de círculos concêntricos que definem oito caneluras muito finas. Deverá pertencer à forma Aguarod Otal 4 = Luni 2/4 (Manasse, 1973), com uma cronologia que abrange o arco temporal que vai desde os inícios do século I a.C. até aos flávios. Produto de importação com origem itálica.
(Não desenhada).

16 - N.º de Inv. LOCAS 110/96

Fragmento de grande prato com perfil completo, excluindo a parte central da base, em cerâmica com engobe interno do tipo vermelho pompeiano. Bordo com lábio arredondado para o interior, parede ligeiramente convexa e base plana. Diâmetro máximo de 510 mm. Espessura média de 8 mm. Pasta de textura arenosa, compacta, muito dura, não porosa, com muitos elementos não plásticos: grãos de calibre pequeno de origem vulcânica (máficos), de cor negra (piroxenos), hematites, quartzos, e pequenas partículas de mica (moscovite). Apresenta uma coloração 5YR 5/4. Engobe interno compacto e lustroso, de cor 10R 4/8. Pertence à forma Aguarod Otal 6 = Luni 5 (Manasse, 1973), com uma cronologia dos *limes* renanos (Oberaden 12-8 a.C.; Haltern 9 a. C-9/16 d.C.) até 79 d.C. (erupção do Vesúvio). Produto de importação com origem itálica.
Observações: apresenta manchas escuras pelo exterior.

17 - N.º de Inv. LOCAS 117/96

Fragmento de bordo e arranque da parede de prato de cerâmica com engobe interno do tipo vermelho pompeiano. Bordo em aba plana, ligeiramente descaído para o interior. Diâmetro máximo de 287 mm. Espessura média de 6 mm. Pasta de textura arenosa, compacta, muito dura, não porosa, com muitos elementos não plásticos: grãos de calibre pequeno de origem vulcânica (máficos), de cor negra (piroxenos), hematites, quartzos e raras partículas de mica. Apresenta uma coloração 10YR 4/4. Engobe, pelo interior, compacto e lustroso, de cor 2.5YR 4/8, que abrange o bordo pelo exterior. Tipológica e cronologicamente, insere-se nas classificações apresentadas para o n.º de Inv. 109/96. Produto de importação com origem itálica.

18 - N.º de Inv. LOCAS 125/96

Fragmento de possível pega de sertã ou frigideira. Pega cilíndrica a tender para o elipsoidal, oca e terminando em “chapéu de abas largas”. Comprimento total do fragmento de 53 mm; diâmetro externo entre 28 e 31 mm; espessura média 7 mm. Pasta pouco depurada, com muitos e.n.p. de dimensão média (quartzo, feldspatos, elementos ferrosos e micas), dura e não porosa, bicolor, de cor 10YR 6/2 (pelo exterior) e 10YR 7/3 (pelo interior). A cronologia para este tipo de pega poderá ser encontrada em peças apanhadas em naufrágios como os de Sant Jordi, Baie de Cavaliéret e Giens.

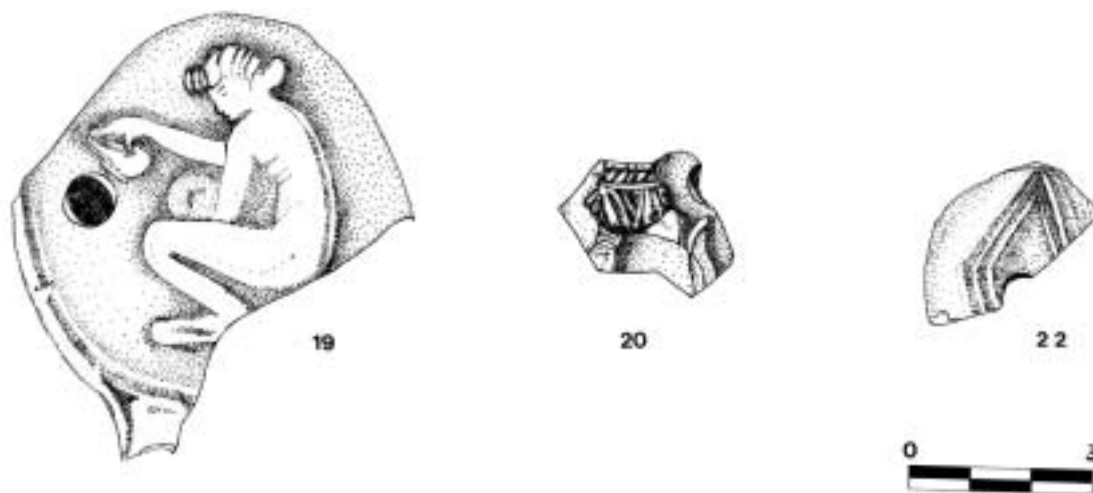


Fig. 5 19, 20 e 22 – Lucernas.

19 - N.º de Inv. LOCAS 126/96

Fragmento de disco de lucerna de grande tamanho, com, pelo menos, um orifício de alimentação descentrado para a esquerda e decorado. Distingue-se o orifício da mecha. Diâmetro máximo do disco de 80 mm; diâmetro do orifício de alimentação de 8 mm; espessura de 1,5 a 3 mm. Pasta homogénea, compacta, muito dura, porosa, de cor 10YR 5/1. Não foi possível detectar traços de engobe.

Decoração: figura de Vénus desnudada, de cócoras, de perfil, voltada para a esquerda.

Paralelos: Vindonissa (Schmidt, 1997, Vénus 249), com cronologia de meados do século I d.C. a finais do mesmo século.

20 - N.º de Inv. LOCAS 127/96

Pequeno fragmento de disco de lucerna, com parte do orifício de alimentação, decorado. Comprimento do fragmento de 20 mm; largura de 27 mm; diâmetro do orifício da mecha de 6,5 mm. Pasta compacta, homogénea, depurada, dura, porosa, de cor 10YR 7/3. O engobe é pouco brilhante, aderente e espesso, de cor 2.5YR 4/8.

Decoração: parte inferior do tronco e pernas de gladiador do tipo *hoplomachus* ou trácio.

Paralelos: tema muito popular; encontram-se normalmente lucernas com este tipo de decoração em arqueossítios com diacronias coevas do século I d.C./II.

21 - N.º de Inv. LOCAS 128/96

Fragmento de base, *infundibulum* e orla, descaída para o interior, de lucerna de tamanho pequeno. Possivelmente da forma Dressel-Lamboglia 9. Diâmetro máximo de 60 mm; diâmetro da base 32,5 mm; altura de 30 mm; espessura média do *infundibulum* 4 mm. Pasta homogénea, de textura granulosa, com e. n. p. de pequeníssimas dimensões (micas douradas, e quartzos), muito dura e moderadamente porosa, de cor 10YR 7/3. O engobe é matizado, pouco brilhante, espesso, de cor 10YR 8/4, com manchas de cor 10YR 3/1. Base ligeiramente abaulada e definida por três molduras, por vezes, mal impressas.

Observações: poderá pertencer ao fragmento do disco com o n.º de inv. 129/96.

(Não desenhada).

22 - N.º de Inv. LOCAS 129/96

Fragmento de disco de lucerna decorada. Comprimento máximo 30 mm; largura máxima 27 mm; espessura 2 mm. Pasta e engobe idênticos ao fragmento com o n.º de inventário 128/96.

Decoração: 3 losangos paralelos centrados pelo orifício de alimentação (decoreção incompleta). Paralelos: o exemplar do M.A.P.M n.º 6232 (Amante Sánchez, 1993) apresenta o mesmo tipo de losangos, embora estejam limitados por três círculos concêntricos.

23 - N.º de Inv. LOCAS 130/96

Fragmento de bordo e arranque de parede de gargalo de garrafa ou de jarro em cerâmica comum. O bordo possui aba revirada para fora, com secção inflectida para baixo, fazendo um ressalto agudo e bem pronunciado. O diâmetro máximo do bordo é de 81 mm; a altura total do fragmento é de 17 mm. Pasta algo depurada, homogénea, dura, não porosa e com alguma mica (moscovite). De cor castanha enegrecida 5YR 6/2. Possui engobe castanho-alaranjado, homogéneo, algo espesso, e pouco brilhante de cor 5YR 4/4.

Paralelos: no caso de se tratar de um gargalo de garrafa, temos como formas idênticas as n.ºs 72 e 74 de Vila Viçosa (Nolen, 1985), com diacronia da segunda metade do século I d.C./inícios do II; no caso de se tratar de um fragmento do bordo de pequeno jarro, encontramos em Conímbriga dois possíveis paralelos, n.ºs 512 e 513, com cronologias de Cláudio a Trajano.

24 - N.º de Inv. LOCAS 131/96

Fragmento de bordo e parede de taça carenada em cerâmica comum. O bordo possui aba revirada para fora, fazendo esta uma curvatura em 'S' horizontal, de secção inflectida para cima e originando um ressalto bem vincado. O diâmetro máximo do bordo é de 191 mm; a altura total do fragmento é de 14 mm. Pasta compacta, pouco homogénea, com e.n.p. (elementos ferrosos), algo micácea (moscovite), de cor castanha-acinzentada 7.5YR 6/2. Possui engobe negro-acastanhado, medianamente espesso, com algum brilho e de cor 5YR 4/1.

Paralelos: o bordo será equivalente ao n.º 356 de Conímbriga (Alarcão, 1976), com cronologia do período flaviano.



Fig. 6 Discos de lucernas, cerâmica de engobe vermelho pompeiano, cerâmica de paredes finas e unguentário.

Agradecimentos

Os autores agradecem, reconhecidos, a colaboração prestada pelo Dr. José Cardim Ribeiro, Rui Gonçalves, Amália São Pedro e Augusta Miranda durante a elaboração do presente artigo.

NOTAS

- ¹ Aguardamos com expectativa o artigo da autoria de Ana Margarida Arruda e de Elisa Sousa sobre as cerâmicas de paredes finas tardo-republicanas e imperiais de Castro Marim.
- ² Pensamos poder classificar o exemplar apontado por Inês Vaz Pinto (1999, p. 196) como Luni 3 (Tav. 59-6.CM 1000).
- ³ Agradecemos à Mestre Alexandra Gaspar a informação gentilmente cedida.
- ⁴ Material inédito das escavações de 2000 da Praça da Figueira, do qual tivemos a oportunidade de ter conhecimento graças ao Dr. Rodrigo Banha da Silva.
- ⁵ *Uter*, equivalente ao termo grego ἄσχος, é um pequeno contentor cerâmico baixo e circular com bico e com uma pega longitudinal, apoiando-se numa base anelar (peça do tipo da actual "chaleira"). Durante o período republicano é produzido em cerâmica campaniense – forma Morel F8320 ou F8420 (1981, p. 214 e 215).
- Tem como protótipo o odre de pele, destinado a conter, quer água, quer vinho.
- ⁶ Sugestão amavelmente aventada pela Prof^a. Dra. Manuela Alves Dias, a quem agradecemos.
- ⁷ Optámos por considerar estas protecções do tipo *ocreae*, pois o disco da lucerna apresenta uma tal nitidez que nos permite distinguir perfeitamente todos os pormenores e texturas representadas.
- ⁸ Nos *munera gladiatoria* existiam, entre o público, duas facções de apoiantes, conforme o tipo de equipamento. Assim, as claques dos *Scutarii*, tinham como seus ídolos os gladiadores equipados com escudos grandes, opondo-se aos *Parmularii*, que apoiavam, por sua vez, os trácios e os *oplomachi* (Ceballos Hornero, 2002, p. 126).
- ⁹ Agradecemos ao Dr. Guilherme Cardoso e a Severino Rodrigues as suas sugestões.
- ¹⁰ A peça de Alcácer do Sal apresenta dimensões mais reduzidas do que as de Elvas e de Conímbriga.

BIBLIOGRAFIA

- AGUAROD OTAL, C. (1991) - *Cerámica romana importada de cocina en la Tarraconense*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico", p. 61-94.
- ALARCÃO, A. (1976) - Céramiques à engobe rouge non grésé. In ALARCÃO, J.; ÉTIENNE, R. - *Céramiques diverses et verres*. Fouilles de Conímbriga. VI. Paris: Diffusion E. de Boccard, p. 51-59.
- ALARCÃO, J. (1976) - Céramiques communes d'importation. In ALARCÃO, J.; ÉTIENNE, R. - *Céramiques diverses et verres*. Fouilles de Conímbriga. VI. Paris: Diffusion E. de Boccard, p. 71-79.
- ALMEIDA, J. F. (1952) - *Introdução ao estudo das lucernas romanas em Portugal*. Lisboa: Universidade de Lisboa. Tese de doutoramento em Ciências Históricas.
- AMANTE SÁNCHEZ, M. (1993) - *Lucernas romanas de la región de Murcia - Hispania Citerior*. Murcia: COMPOBELL, S. L.
- ANDERSON-STOJANOVIC, V. (1987) - The Chronology and Function of Ceramic Unguentaria. *American Journal of Archaeology*. New York, 91, p. 105-121.
- ARRUDA, A; VIEGAS, C. (2002) - As Cerâmicas de "engobe vermelho pompeiano" da Alcáçova de Santarém. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, 5:1, p. 221-238.
- BAILEY, D. (1980) - *A catalogue of the lamps in the British Museum, 2. Roman lamps made in Italy*. Londres: British Museum Publications Limited, p. 51-55.
- BAILEY, D. (1988) - *A catalogue of the lamps in the British Museum, III. Roman provincial lamps*. London: British Museum.
- BELCHIOR, C. (1969) - *Lucernas romanas de Conímbriga*. Coimbra: Museu Monográfico de Conímbriga.
- CAETANO, J. C. (2001) - *Lucernas Romanas de Conímbriga. Escavações de 1963-1970*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Policopiada.
- CAMILLI, A. (1999) - *Ampullae, balsamari ceramici di età ellenistica e romana*. Roma: Fratelli Palombi Editori.
- CEBALLOS HORNERO, A. (2002) - Semblanza de los profesionales de los espectáculos documentados en Hispania. In *Ludi Romani. Espectáculos en Hispania Romana*. Mérida: MNAR, p. 126-130.

- DELGADO, M. (1993/94) - Notícia sobre a cerâmica de engobe vermelho não vitrificável encontradas em Braga. *Cadernos de Arqueologia*. Braga. Série II. 10-11, p. 113-149.
- DENEAUVE, J. (1974) - *Lampes de Carthage*. Paris: Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique.
- FARIA, J. (2002) - *Alcácer do Sal ao tempo dos romanos*. Lisboa: Colibri.
- FERRARI, A. (1999) - *Dizionario di Mitologia greca e latina*. Torino: Unione Tipografico-Editrice Torinese.
- GEBHARDT, V. (1880) - *Los dioses de Grecia y Roma, mitología greco-romana*. Barcelona: Biblioteca ilustrada de Espasa y Compañía. Tomo I, cap. XI, p. 163-179.
- GELLUZA, M. (1986) - Ceramica a vernice rossa interna. RICCI, A., *Settefinestre una villa schiavistica nell'Etruria romana*. Modena: Edizioni Panini, p. 106-115.
- LÓPEZ-MULLOR, A. L. (1990) - *Las cerámicas romanas de paredes finas en Cataluña*. Zaragoza: Libros Pórtico.
- MANASSE, G. (1973) - Ceramica a vernice rossa interna. In FORVA, A. - *Scavi di Luni*. Roma: L'Erma de Bretschneider, p. 278-281.
- MARABINI MOEVS, M. T. (1973) - The Roman thin walled pottery from Cosa (1948-1954). *Memoirs of the American Academy in Rome*. Roma. 32.
- MAYET, F. (1975) - *Les céramiques à parois fines dans la Péninsule Ibérique*. Paris: Diffusion E. de Boccard.
- MOREL, J.-P. (1981) - *Céramique campanienne: les formes*. Paris: Bibliothèque de l'École Française de Rome.
- NOLEN, J. (1985) - *Cerâmica comum de necrópoles do Alto Alentejo*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança.
- NOLEN, J. (1994) - *Cerâmicas e vidros de Torre de Ares*. Lisboa: MNA - IPM.
- PAVOLINI, C. (2000) - *La ceramica comune, la forme in argila depurata dell'Antiquarium*. Scavi di Ostia. Roma: Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato. Vol. Tredicesimo.
- PINTO, I. V. (1999) - *A cerâmica comum de S. Cucufate*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade Lusíada. Policopiada.
- RICCI, A. (1985) - Ceramica a pareti sottili. In *Atlante delle forme ceramiche II - ceramica fine romana nel bacino mediterraneo (tardo ellenismo e primo impero)*. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, p. 241-353.
- SCHMIDT, E. (1997) - Venus. In BALTJ, J. [et al.] - *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae (LIMC)*. Zurich-Düsseldorf: Artemis Verlag. Vol. 8 :1-2 1, p. 192-230.
- SÉCHAN, L. (1969) - Venus (Ajrith). In SAGLIO, E. - *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*. Graz: Akademische Druck- u. Verlagsanstalt. Tome Cinquième, p. 721-736.
- SEPÚLVEDA, E.; FARIA, J.; FARIA, M. (2000) - Cerâmicas romanas do lado ocidental do castelo de Alcácer do Sal, 1: *terra sigillata*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:2, p. 119-152.
- SEPÚLVEDA, E.; SOUSA, É.; FARIA, J.; FERREIRA, M. (2001) - Cerâmicas romanas do lado ocidental do castelo de Alcácer do Sal, 2: 'cerâmicas de verniz negro' e cinzentas. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 19, p. 199-234.
- TOMBER, R.; DORE, J. (2002) - *The Roman fabric reference collection. A hand book*. London: Museum of London, Archaeology Service.
- TUFFREAU-LIBRE, M. (1992) - *La céramique en Gaule romaine*. Paris: Errance.

